**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE**

**CAMPUS NATAL CIDADE ALTA** – **CURSO: PRODUÇÃO CULTURAL**

**DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA** – **PROF. MARCEL MATIAS**

**Em código**

*Fernando Sabino*

Fui chamado ao telefone. Era o chefe de escritório de meu irmão:

- Recebi de Belo Horizonte um recado dele para o senhor. É uma mensagem meio esquisita, com vários itens, convém tomar nota: o senhor tem um lápis aí?

- Tenho. Pode começar.

- Então lá vai. Primeiro: minha mãe precisa de uma nora.

- Precisa de quê?

- De uma nora.

- Que história é essa?

- Eu estou dizendo ao senhor que é um recado meio esquisito. Posso continuar?

- Continue.

- Segundo: pobre vive de teimoso. Terceiro: não chora, morena, que eu volto.

- Isso é alguma brincadeira.

- Não é não, estou repetindo o que ele escreveu. Tem mais. Quarto: sou amarelo, mas não opilado. Tomou nota?

- Mas não opilado - repeti, tomando nota. - Que diabo ele pretende com isso?

- Não sei não, senhor. Mandou transmitir o recado, estou transmitindo.

- Mas você há de concordar comigo que é um recado meio esquisito.

- Foi o que eu preveni ao senhor. E tem mais. Quinto: não sou colgate, mas ando na boca de muita gente. Sexto: poeira é minha penicilina. Sétimo: carona, só de saia. Oitavo...

- Chega! - protestei estupefato. - Não vou ficar aqui tomando nota disso, feito idiota.

- Deve ser carta em código ou coisa parecida

- E ele vacilou!

- Estou dizendo ao senhor que também não entendi, mas enfim... Posso continuar?

- Continua. Falta muito?

- Não, está acabando: são doze. Oitavo: vou, mas volto. Nono: chega à janela, morena. Décimo: quem fala de mim tem mágoa. Décimo primeiro: não sou pipoca, mas também dou meus pulinhos.

- Não tem dúvida, ficou maluco.

- Maluco não digo, mas como o senhor mesmo disse, a gente até fica com ar meio idiota... Está acabando, só falta um. Décimo segundo: Deus, eu e o Rocha:

- Que Rocha?

- Não sei: é capaz de ser a assinatura.

- Meu irmão não se chama Rocha, essa é boa!

- É, mas foi ele que mandou, isso foi.

Desliguei, atônito, fui até refrescar o rosto com água, para poder pensar melhor. Só então me lembrei: haviam-me encomendado uma crônica sobre essas frases que os motoristas costumam pintar, como lema, à frente dos caminhões. Meu irmão, que é engenheiro e viaja sempre pelo interior fiscalizando obras, prometera ajudar-me, recolhendo em suas andanças farto e variado material. E ele viajou, o tempo passou, acabei me esquecendo completamente o trato, na suposição de que o mesmo lhe acontecera. Agora, o material ali estava, era só fazer a crônica. Deus, eu e o Rocha! Tudo explicado: Rocha era o motorista. Deus era Deus mesmo, e eu, o caminhão.